Aristóteles, *Da Lembrança e da Rememoração*. Tradução, notas e comentário de Cláudio Veloso. In: *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. Série 3, v. 12, n. especial, janeiro a dezembro de 2002.

Neste volume, o prof. Cláudio Veloso da UFMG, apresenta ao público brasileiro a tradução do *Peri mnêmês kai anamnêseôs* de Aristóteles. A tradução é acompanhada de notas e comentário, onde são discutidos as dificuldades e problemas inerentes ao texto, e é precedida de uma breve apresentação que elucida a posição do tratado no *corpus* aristotélico. O comentário tem como fio condutor a preocupação em determinar o lugar reservado à lembrança e à rememoração na percepção e na inteligência, assim como a relação dessas duas últimas no tratado. O tradutor estabeleceu o próprio texto de que se serviu a partir do exame do aparato crítico das várias edições, adotando a numeração de páginas da edição de Bekker .

O *Da Lembrança e da Rememoração* é um dos nove breves tratados que compõem os *Parva Naturalia*, parte das obras biológicas iniciadas com a *História animalium*, *De partibus animalium*, *De incessu animalium* e *De anima* e *De generatione animalium*.

O primeiro capítulo trata da lembrança e o segundo sobretudo da “rememoração”, embora nele ainda esteja em questão a “lembrança”. Muito embora a “lembrança” não seja objeto de abordagem mais aprofundada em outros textos fora do *De memória*, não é de se

negligenciar o seu papel na gnosiologia do Estagirita. Na *Metafísica* e nos *Análiticos Posteriores* ela figura como o primeiro degrau na escala que vai da percepção à inteligência. Tal posição intermediária não reaparece, no entanto, no *Da Alma*, onde instaura-se um hiato entre percepção e inteligência, embora continue sugerida a possibilidade de que haja um elo possível entre as duas faculdades. Mas a idéia de que a lembrança constitua esse elo fica definitivamente descartada no *Da Lembrança e da Rememoração*, uma vez que é associada à percepção enquanto a rememoração associa-se antes à inteligência.

Ao traduzir os termos *mnêmê* e *ananmnêsis*, tradicionalmente traduzidos por « memória » e « reminiscência », por « lembrança » e « rememoração », o tradutor insiste no sentido do primeiro como memória « pessoal », e não como memória em sentido geral, enquanto o segundo termo, não tão freqüente em língua portuguesa, faz eco ao pouco uso que igualmente parece ter tido o termo *ananmnêsis* nos autores anteriores e contemporâneos de Aristóteles: “Ao grego *ananmnêsis* corresponderia mais, então, o termo ‘recordação’, mas preferi ‘rememoração’ para manter o parentesco etimológico com ‘lembrança’.” (p.44).

Do fundo de suas incursões filológicas o tradutor faz emergir as reflexões filosóficas sobre a lembrança e a rememoração, propondo sua própria interpretação do texto. Uma das virtudes do seu comentário reside na distinção dessas duas atividades, e na importância dessa distinção para explicitar a singularidade do homem perante os outros animais. Em *Metafísica*

A 1, Aristóteles afirmava ser a percepção faculdade comum a todos os animais, enquanto a lembrança seria privilégio de alguns (980a 27-29). Já em *História dos Animais* essa distinção é enriquecida quando se precisa ser a lembrança compartilhada por homens e alguns outros animais, enquanto a rememoração é especificamente humana: “E, se muitos compartilham de lembrança e ensino (*didachês*), nenhum outro, exceto o homem, pode rememorar.” (I 1, 488b 24-28). No *De memória*, por sua vez, a distinção encaminha-se em outra direção, e os próprios homens são agora divididos em dois grupos: os que são capazes de lembrar (*mnêmonikoi*) e os que são capazes de rememorar (*anamnêstikoi*).

O *Da Lembrança e da Rememoração* segue o percurso comum às obras do Estagirita. Tomando como ponto de partida uma breve introdução programática, investiga acerca do que sejam a “lembrança” e o “lembrar”. Da lembrança dirá que ela “não é nem percepção nem suposição, mas uma posse ou uma afecção de alguma destas, quando tiver passado um tempo” (449b 24-25). Faz assim intervir a noção de tempo como essencial àquilo que singulariza a lembrança – “toda lembrança é com um tempo” (449b 29). Diz ainda que a lembrança encontra-se associada a uma “aparição”, que “é uma afecção da percepção comum” (450a 11). E Aristóteles conclui definindo a lembrança e o lembrar como a “posse de uma aparição como [posse de] uma imagem daquilo de que [ela] é aparição” (451a 15-16), e diz que ela faz parte “da capacidade perceptiva primária por meio da qual também percebemos um tempo” (451a 16-17).

Quanto ao “rememorar”, começa dizendo que a rememoração não é “nem recuperação nem aquisição de lembrança” (451a 20-21). “A rememoração, observa C. Veloso, não é recuperação de lembrança porque a rememoração não necessariamente é precedida por uma lembrança” (p.112). O objeto da rememoração é a percepção, e ela pode ter lugar sem o concurso do tempo necessário ao lembrar. “A rememoração, continua C. Veloso,

também não é aquisição de lembrança porque a lembrança, por outro lado, pode preceder a rememoração” (p.112).

Como o fizera com o tempo, para explicar a lembrança, Aristóteles, para dar conta da rememoração, recorre agora ao movimento: “as rememorações acontecem porque um movimento é naturalmente capaz de se produzir depois de um outro movimento” (451b 10). Para se rememorar é preciso antes “alcançar um início de movimento, depois do qual ele se dará” (451b 30). Acrescenta, enfim, que “o rememorar não difere do lembrar somente segundo o tempo, mas [também] porque do lembrar participam também muitos dos demais animais, enquanto do rememorar [não participa] nenhum [outro], digamos, dos animais conhecidos, senão o homem. A causa disso é o fato de o rememorar ser como que uma certa dedução.” (453a 5-10). Por isso da rememoração somente são capazes aqueles que tem a capacidade de deliberar, que é para ele uma certa forma de dedução. Ela requer ainda algo de corpóreo, “provavelmente o coração, o sensorio primário” (p.136), mas, adverte C. Veloso, não se deve esquecer que tanto na rememoração quanto na lembrança “estão envolvidas atividades da alma, ou funções vitais, de modo que não se reduzem aos elementos corpóreos que lhes são necessários” (p.139). Enquanto a lembrança é da competência da capacidade perceptiva e se traduz em uma atividade da alma através de um corpo (p.140), a rememoração não é algo da ordem da percepção e, de outro modo que a percepção, “é algo que parte da alma”, que dá início aos movimentos corpóreos por meio de uma deliberação (p.140-141).

Comentários e notas explicativas dessa natureza fazem do presente volume um rico instrumento no estudo da filosofia de Aristóteles, além de contribuir para fomentar o debate entre seus comentadores.

Miriam C. D. Peixoto
ISI-CES, BH